CDU 37.011.31(430)(813.4)

EDUCADORAS ALEMÃES NO TRÓPICO: AS BENEDITINAS DA ACADEMIA SANTA GERTRUDES

Zaida Maria Costa Cavalcanti

Há na História de Educação em Pernambuco, um espaço muito amplo ocupado pela influência das Irmãs Beneditinas da Academia Santa Gertrudes, de Olinda, em Pernambuco.

A influência exercida por aquelas irmãs no cenário educacional do Estado – e, mesmo da região Norte e Nordeste – pode ser observada, tanto no desenvolvimento mesmo da obra missionária e educativa empreendida pela Congregação desde 1903, [1] como através da presença atuante de muitas gerações de ex-alunas beneditinas em todos os segmentos da sociedade, particularmente, da Educação.

Até agora, porém, ainda não se aprofundaram estudos destinados a analisar o papel desempenhado pelas irmãs beneditinas no contexto educacional de Pernambuco. Um tal estudo há de, necessariamente, tomar como ponto de partida a Academia Santa Gertrudes, [2] não só por ser aquele o primeiro estabelecimento de ensino regular por elas fundado no Brasil, como, também por ser ali o centro da vida da Congregação na Região, com Priorado, Noviciado e o maior grupo de Irmãs, dentre todas as casas espalhadas pela Região.

A instituição que as beneditinas desenvolveram na Academia resultou em um tipo peculiar de educação, cujo produto se mostrou, ao longo do tempo, muito mais abrangente do que o sólido ensino curricular, extracurricular e religioso a que se propunham aquelas Irmãs, no seu projeto missionário.

Este artigo procura resgatar o que, de peculiar, existia no processo educacional daquele colégio a partir de uma reinterpretação dos fatos e usos que

descrevem o *modus vivendi* e o conjunto dos valores impregnados no seu quotidiano, particularmente na primeira metade do século.

Tal reinterpretação sugere que cinco são os aspectos fundamentais para a compreensão da cultura da Academia, a saber: o tipo de estabelecimento de ensino representado pela Academia; o perfil sociocultural das Irmãs que vieram da Alemanha; o abrasileiramento de certos hábitos germânicos no quotidiano do colégio; o tipo de família que constituía a clientela da Academia e, permeando toda a vida do colégio, a influência da Regra de São Bento, observada pelos monges e Congregações beneditinas, de um modo geral.

1. UM COLÉGIO MUITO ADIANTE DO SEU TEMPO

A Academia Santa Gertrudes foi um dos primeiros estabelecimentos particulares a ministrar o Ensino Médio, reconhecido pelo governo federal, para meninas. Já em 1922 o seu Curso Normal era reconhecido e, em anos subseqüentes obteve o reconhecimento do seu Curso Comercial e a equiparação do seu Curso Ginasial ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, então Capital Federal.

Conhecida pelo alto padrão de suas instalações e do nível de ensino que ministrava, a Academia atraía, para todos os seus níveis de ensino, meninas das melhores famílias de Olinda, do Recife, do interior, e mesmo de outros estados, chegando o seu internato a abrigar até 250 alunas, com idades que variavam dos cinco a mais de vinte anos.

Desde o início de suas atividades, em 1912, a Academia vinha crescendo, sempre na vanguarda dos estabelecimentos locais, recriando, à imagem brasileira, as idealizações de uma escola para meninas, segundo os conceitos vigentes na florescente Alemanha do período que antecedeu a I Guerra Mundial, e, na renovação educacional do primeiro pós-guerra.

A educação completa, abrangente, que buscava atingir o indivíduo em todos os aspectos de suas vivências inspirava o processo educacional da Academia.

A dimensão do projeto educativo das Irmãs beneditinas expressava-se de várias maneiras, entre elas nos prédios e instalações do colégio.

A arquitetura e as instalações da Academia eram de fato algo inusitado no cenário educacional do começo do século; num tempo em que outros colégios religiosos para moças, mesmo possuindo grandes terrenos, confinavam seus internatos em sobrados sombrios, com poucas atividades para as alunas, a Academia dispunha de instalações para a prática de atletismo, de um espaço teatral completo, de um conservatório musical, e já tinha os pic-nics na praia como uma prática de lazer.

Para a prática de atletismo dispunha o colégio de uma sala de ginástica, com capacidade para uso simultâneo: de trapézio, argolas, barras horizontais, barras paralelas e hálteres.

Para as práticas ao ar livre havia uma quadra polivalente para basket-ball e voley-ball, rodeada por pista de corrida: um tanque de areia para saltos e locais para lançamento de dardos, peso e disco. Conquanto não fosse um ginásio,

na sua forma convencional, o espaço desportivo da Academia dispunha de bem projetados espaços para platéia. Estes chegavam à superlotação por ocasião da Festa da Ginástica, que se realizava anualmente.

Todo o aparato destinado à educação física, porém, ao lado dos balanços, gangorras e escorregos, instalados nos vários pátios de recreio e das bolas, cordas e arcos (grandes argolas de metal recobertas de vime) distribuídos nas horas de recreio, não deve ser interpretado como um indicador de que a cultura física fosse um dos valores maiores na vida da Academia.

Tal atenção aos jogos e à ocupação da criança em brincadeiras reflete, provavelmente a influência froebeliana que estava muito presente na escola alemã do começo do século e que atribui à brincadeira e ao jogo a faculdade de desenvolver na criança o sentido da justiça, da cooperação, da verdade, da iniciativa, das relações causais, etc.

> É a Froebel que se devem essas escolas da infância, risonhas de aspecto, cercadas de jardins, onde em salas arejadas, espaçosas, perfeitamente limpas, as crianças sentadas em pequenos grupos ocupam a mão e o espírito que desperta com cubos de madeira, réguas, pauzinhos, arcos de círculo feitos de arame, ou, se maiores, têm ante si pedaços de papel de diversas cores, agulhas, linha, cartão, ou outras ainda, fazem roda, cantam canções, ensaiam gestos – tudo exercícios destinados a formar os sentidos e a preparar o acesso do espírito às noções abstratas" (HUBERT, 1964: 266).

De fato, na Academia, os valores intelectuais e os artísticos sobrepujavam de muito a cultura física. [3]

As atividades artísticas eram parte do quotidiano do colégio, e, não, eventos isolados: o canto orfeônico e a música instrumental desempenhavam papel destacado na vida do colégio e sua influência multiplicou-se em muitas gerações de professores que ali receberam a sua formação para o magistério.

O canto orfeônico, instituído pelo Maestro Euclides Fonseca, na Escola Normal, a partir de 1923, e difundido no Recife somente nos fins da década de vinte, graças à presença de Ernani Braga na cidade, iniciou-se na Academia ainda no começo da mesma década, com a chegada, da Alemanha, da jovem musicista Adelheid Neumann que aqui recebeu o hábito beneditino sob o nome de Madre Víola, a qual não deveria ficar à margem de quaisquer documentos sobre a História da Educação e da Cultura de Pernambuco.

O talento e idealismo de Madre Víola levaram-na a organizar e dirigir o Conservatório Musical Santa Gertrudes, que logo seria reconhecido oficialmente, com instalações que chegaram a superar às do Conservatório Pernambucano de Música. Suas instalações comportavam: Um auditório com capacidade para cerca de 150 pessoas, a Sala Santa Cecília, com patamar à guisa de palco e um piano de cauda, com esmerada manutenção; uma sala de aula e prática de conjuntos musicais, a Sala S. José, onde havia em piano vertical, e carteiras para aulas teóricas; um *hall*, com 10 cubículos, com portas envidraçadas, com um piano vertical em cada um, destinados ao estudo individual e, mais, uma sala de aulas individuais de piano e, outra, com uma pianola.

Fazendo parte, ainda, do conservatório uma sala destinada às coleções de partituras e à guarda de instrumentos musicais: violinos de vários tamanhos para uso de crianças, violas, violencelos, contra-baixos, instrumentos de sopro e uma harpa.

As atividades de Madre Viola não se restringiam ao Conservatório; ela dirigia, também, todas as atividades artísticas do colégio, fazendo traduções primorosas de canções européias, arranjos orfeônicos de músicas brasileiras, organizando festinhas artísticas para celebrar as datas significativas do colégio, enquanto, a longo prazo, preparava grandes montagens teatrais, exclusivamente com alunas do colégio, que recebiam sempre referências elogiosas da crítica especializada. Assim é que se encenou, possivelmente pela primeira vez no Brasil, o Auto: O Grande Teatro do Mundo, de Calderón de la Barca, da dramaturgia do Século XVII e a opereta Haensel und Gretel, de Humperdink, em primorosa tradução de todo o libreto. Somente na década dos sessenta, as platéias locais voltaram a ver aquela opereta, dessa vez levada por cantores experientes, com participação de cantores do Rio de Janeiro, dirigidos por Arlinda Rocha.

Apresentar-se em público, tocar e cantar em conjunto, fazer da música um presente para alguém, eram traços fortes da educação musical que se fazia na Academia, traços esses que eram levados pelas alunas para as suas casas, pois contavam com Madre Viola para providenciar partituras e ensaiar os saraus musicais domésticos preparados por alunas, para as celebrações das respectivas famílias.

A prática de teatro era também parte do quotidiano da Academia. O espaço teatral do colégio, em termos de teatro escolar não chegou a ser superado por espaços equivalentes, em outros colégios na mesma época: dispunha de palco em madeira, com piano de meia cauda, coxias, alçapão, mesa de luz e depósito para a guarda de cenários, guarda-roupas, etc. que eram constantemente usados e adaptados às diferentes necessidades. O teatro dispunha até mesmo de uma pequena galeria sobre a platéia.

Em uma época em que nem sequer se falava em salas-ambiente, a Academia dispunha, além das instalações já mencionadas, de um bem instalado laboratório de física e química, um pequeno museu, uma sala de datilografia e práticas comerciais, uma sala para trabalhos manuais e uma biblioteca com acervo variado e cuidadosamente selecionado, onde não faltavam os clássicos da literatura infantil e juvenil, biografias e livros de formação.

Nas décadas de trinta e quarenta dois periódicos existiram na Academia: o REVÉRBERO, impresso e com estrutura de revista e a PENA INFANTIL, mimeografado, com trabalhos das crianças do curso primário.

O mesmo pioneirismo refletido nas instalações inspirava também os procedimentos pedagógicos.

Numa antecipação da educação pré-escolar, que só entraria, de fato, no discurso dos educadores, muito mais tarde, a Academia abria os seus diferentes níveis de jardim-da-infância para crianças de 3 e 4 anos, que somente seriam alfabetizadas aos 5 ou 6. A ocupação do tempo nos jardins era, tal como atualmente, de socialização e de atividades destinadas à preparação psico-motora para a alfabetização. Já se usavam amplamente: a massa para modelagem, os tabuleiros

para encaixes, trabalhos com pinos, tecelagem com papéis de diferentes cores, dimensões e espessuras, pontilhados em cartão, muito canto e brincadeiras dirigidas ao ar livre.

O método utilizado era o fônico e o trabalho de linguagem era desenvolvido com os álbuns seriados das Edições Melhoramentos.

Paradoxalmente, Irmãs alemãs, durante várias décadas, alfabetizaram crianças brasileiras utilizando o método fônico . . .

2. O PERFIL SÓCIO-CULTURAL DAS IRMÃS ALEMÃS QUE VIERAM PARA A ACADEMIA

O perfil sócio-cultural, que se pode inferir, das Irmãs alemãs que vieram para a Academia tem como substrato a sua origem geográfica: a Baviera, um dos redutos da minoria católica alemã, berço de grandes cidades, tais como Munique, Nuremberg, Frankfurt, Hannover e Bremen, entre outras, e sede de tradicionais universidades e instituições culturais.

A julgar pela baixa média etária das Irmãs que aqui chegavam [4] e considerando o momento sócio-econômico áureo da Europa, no período imediatamente anterior à I Guerra Mundial, pode-se presumir que elas eram típicas jovens urbanas, filhas de famílias abastadas e com um alto nível de educação formal, visto que, na Alemanha o ensino feminino desenvolveu-se paralelamente ao masculino (Realschulen e Oberrealshulen), embora em meio a controvérsias quanto à conciliação entre o interesse da alta cultura feminina e o papel inato da mulher na família e na sociedade.

Já as que vieram na década de vinte, e depois, um grupo significativamente maior do que aquele das duas primeiras décadas, a quem se pode atribuir a maior influência no processo educacional da Academia, vieram do contexto de reconstrução e renovação que dominou não só a Alemanha, mas todo o mundo no primeiro pós-guerra, que MIRANDA (1967) assim sintetiza:

> A 1ª grande guerra, 1914-1918, introduziu modificações no campo internacional e nacional, e propulcionou, entre nós, movimentos de reconstrução e renovação da vida nacional. Orientações políticas as mais diversas e suas ideologias, correntes filosóficas, culturais, novas experiências nos setores urbanos, econômico-sociais influenciaram também o campo educacional: eram as reformas nos planos de educação e reorganizações de sistemas escolares na Europa, impelidas por um pensar da realidade social que fundamentaram e estruturaram os novos regimes políticos da Alemanha nazista, da Itália fascista, da Rússia leninista, e que, também, constituiram a garantia de estados democratas, no sentido essencialmente formativo de seu ensino, orientado por uma concepção total da vida e fidelidade ao próprio ser ao homem e ao espírito nacional, de formação cristã, tais os debates sobre educação e o sentido das experiências pedagógicas na França, católica, na Inglagerra, anglicana e nos Estados Unidos da América do Norte, protestante (MIRANDA, 1966:65).

Aparentemente, a influência maior do perfil sócio-cultural das Irmãs alemãs que vieram para a Academia se traduz na percepção do ser mulher que perpassava toda a vida escolar da Academia: a mulher guardiã dos valores morais e religiosos e a mulher apta a assumir o seu lugar na sociedade, sem se afastar do seu *ethos* de mulher. Havia uma preocupação explícita com a formação das alunas para enfrentar os "perigos do mundo" como pessoas cristãs. Mas, aparentemente, não se interiorizava uma relação entre a práxis do colégio e a futura experiência de mulher-esposa-mãe, que estava na expectativa da maioria das alunas.

Entretanto, eram muitos os condicionamentos que a Academia exercia para a formação de um tipo peculiar de mulher, o que viria a se refletir na forma de vida adulta das alunas que permaneciam solteiras, tanto quanto das casadas; das mães-de-família, tanto quanto das que se engajavam em atividades profissionais. Tais condicionamentos eram fortemente influenciados pelas idealizações alemães da mulher: a mulher forte, competente, eficiente, consciente dos seus deveres e responsabilidades e ao mesmo tempo guardiã dos valores morais, da organização e da economia doméstica, dos valores estéticos e artísticos no quotidiano do lar.

Um primeiro traço característico da educação feminina na Academia era o apurado cuidado com a aparência pessoal; uma área de certo modo conflitante porque, louvável até o ponto em que se constituía como dever, podia deslizar facilmente ao território do pecado, se assumisse o tom da vaidade . . .

A aparência pessoal era um valor do quotidiano. Não havia, nos primórdios, em nenhum momento, para o internato, qualquer intenção de apresentar o colégio como um lar, ou como uma continuação do lar; o colégio era um local onde se estava em função de um objetivo. Ali se estava a *serviço*. Tal postura somava-se à formalidade alemã, impedindo que se instalasse o jeito brasileiro de estar em casa: de chinelos, "vestido de casa", com um certo desleixo representando a descontração do lazer.

Aparentemente, a clausura também não comportava a percepção de lar e de lazer, havia por parte das Irmãs a constante atitude de quem *está a serviço*.

Tal atitude de serviço parece decorrer, em parte, da valorização do trabalho preceituada na Regra de São Bento, mas parece também refletir um *ethos* mais remoto como o sugere GILBERTO FREYRE (1971):

> Pois o Norte da Europa era uma região de clima frio e de europeus todos brancos, em grande parte dólico-louros em grande parte protestantes, isto é, dominados por uma ética glorificadora do trabalho e do tempo dedicado quase religiosamente ao trabalho, que a Revolução Industrial dinamizara numa área de população ativa, sempre em movimento, trabalhando e produzindo de acordo com o tempo cronométrico". (FREYRE, 1971:75).

A aparência pessoal das Irmãs era sempre impecável; o *hábito* que usavam — na época o mesmo que as beneditinas usavam na Alemanha, sem qualquer concessão ao clima do trópico — era rigorosamente cuidado, tanto nos linhos engomados do capuz branco que usavam sob o véu preto, como nas pesadas vestes de lã, que usavam em todas as horas do dia. O mesmo apuro era exigido das internas, que usavam saias de lã pregueadas, blusas de mangas compridas e meias, compridas, para as mocinhas.

Aos cuidados com a aparência somavam-se, com igual disciplina, os cuidados com o próprio corpo, os quais segundo depoimentos de ex-alunas idosas, eram até avançados para a época: o banho era diário, por exemplo, ao contrário de outros colégios em que a freqüência do banho para as alunas seguia o padrão europeu . . . Do mesmo modo, na Academia houve sempre banheiros individuais para as alunas e não se usavam camisas-de-banho, exigidas em outros estabelecimentos. O tempo do banho era controlado por uma mestra, que determinava o fluxo da água para todos os chuveiros individuais. O ritual do banho se completava com a colocação da toalha, pelo direito, nos varais, cabelos cuidadosamente penteados, botões e fivelas atacados e objetos de uso pessoal colocados nos seus lugares.

A higiene pessoal matinal e a noturna restringia-se à escovação dos dentes e lavagem do rosto, feitos de acordo com um ritual pré-estabelecido, em uma bacia de ágata e com água de um jarro também de ágata, colocados em um pequeno móvel de cabeceira. Não era hábito a escovação de dentes após as refeições.

Uma vez por semana, no horário pré-estabelecido, era a vez dos cuidados com as unhas das mãos e as dos pés, que podiam ser brunidas, mas em nenhuma hipótese, pintadas.

No sábado à tarde, após uma manhã de aulas regulares, as internas faziam a completa faxina nos seus pertences: limpar e engraxar sapatos, sem se sujar; arrumar a sua *roupa branca* no minúsculo armário que lhe servia de criado-mudo; colocar a saia pregueada sob o lençol da cama, refazendo prega por prega, para, ao dormir, vincá-las com o próprio movimento do corpo.

Era, ainda, a ocasião para refazer costuras desfeitas, pregar botões, cerzir meias e . . . de aprender o gosto do bem feito, do irrepreensível e do trabalho que se conclui.

Delineavam-se, assim, não apenas os valores da boa aparência, mas, a disciplina, a ordem, a organização, a fidelidade aos deveres rotineiros do quotidiano e a economia, no sentido da conservação dos objetos através do adequado cuidado.

Um outro aspecto da educação para o ser mulher era a tarefa de servir à mesa, confiada às internas. As refeições eram trazidas da cozinha à copa em grandes panelas fumegantes; ali a comida era posta em pratos de louça, os quais eram lavados pelas internas e servidos em cada mesa. O rodízio do servir era feito entre as alunas maiores.

O servir à mesa não deve ser interpretado com a imposição de um serviço subalterno às internas, mas sim como uma extensão simultânea da cultura alemã e européia, de um modo geral, no que se refere à vida em família e, também da Regra de São Bento, que atribui ao servir à mesa um papel muito importante na prática das virtudes da Caridade e da Humildade.

No quotidiano da Academia somavam-se as sutilezas que deviam fazer parte do repertório da "boa menina", da "moça direita": a polidez, traduzida pelo respeito aos mais velhos e a cortesia em todos os aspectos da convivência, cumprimentar, agradecer, despedir-se, desculpar-se, ceder o lugar, abrir a porta para outrem etc; pelos modos comedidos: não andar arrastando os pés, nem fazer barulho com os sapatos, sentar e levantar sem fazer barulho desnecessário

com a cadeira, ou mesa, abrir e fechar portas sem batê-las e ainda, a atenção às normas gerais de educação doméstica.

Um outro aspecto era o valor estético das pequenas coisas do dia-a-dia: as almofadas colocadas nas cadeiras, e não largadas ali de qualquer modo; o paninho imaculadamente limpo, e, com algum toque de decoração, cobrindo bandejas bem polidas; era o arranjo cuidadoso dos jarros que se colocavam sobre a mesa da mestra para celebrar-lhe o aniversário ou o onomástico; era o respeito à limpeza e à ordem do ambiente.

Tais valores, de tão introjetados, eram praticados, mesmo sem a vigilância das Irmãs e não eram bem vistas, pelas colegas, as alunas recalcitrantes. Não era comum que se danificassem os móveis do colégio, nem se riscassem paredes; não se estragavam as toalhas, nem cortinas, nem se faziam desenhos e inscrições nas portas que, em alguns prédios, eram pintadas de cores claras.

3. O ABRASILEIRAMENTO DE COSTUMES GERMÂNICOS

Um dos motivos que justificavam a afirmação de que houve, no quotidiano da Academia, um abrasileiramento criativo de costumes germânicos é o fato de que, embora se tenha certeza de que na clausura os costumes germânicos nunca foram rejeitados ou mesmo minimizados, a Academia Santa Gertrudes não era em geral referida como um colégio alemão, nem pelas alunas e suas famílias, nem nos meios educacionais, nem pela imprensa.

O abrasileiramento do projeto missionário das Irmãs alemãs mostra-se, com todo o seu impacto, no estilo arquitetônico escolhido por elas para suas edificações e os respectivos interiores.

Ao chegar da Alemanha haviam, elas, sido alojadas em um velho sobrado no Alto da Misericórdia, em Olinda, onde permaneceram, enquanto pouco a pouco iam construindo novas instalações. Das tímidas reformas empreendidas inicialmente, logo partiram para o mais moderno estilo arquitetônico da sua época: prédios muito grandes, com salas amplas e pé-direito alto, iluminadas e arejadas por uma profusão de janelas com venezianas e vidros, sem qualquer traço de união com o barroco da Igreja da Misericórdia, que haviam herdado, nem também com qualquer traço gótico saudosista.

As janelas, constantemente abertas, deixavam penetrar livremente o sol e a luminosidade tropical, na clausura, nos dormitórios, no refeitório e salas de estudo do internato, do mesmo modo que nas classes do externato, enquanto o vento fazia esvoaçar as cortinas – da tradição européia – abrasileiradas no nordestiníssimo algodãozinho alvejado.

Pelas paredes dos amplos interiores do colégio, muitos quadros. Nada porém de obras raras, nem quadros caros; eram, sobretudo, gravuras tiradas de revistas, ou de calendários européus, com paisagens nevadas dos Alpes, florestas de pinheiros, chalês em montanhas brancas de neve, emoldurados de maneira singela, às vezes, nada mais do que uma fita gomada à guisa de passe-partout. Ao contrário do que se poderia esperar em um colégio religioso, não eram muitos os quadros representando santos.

Sobre o jacarandá brasileiro dos móveis, almofadas bordadas em ponto de cruz, com cores e motivos ao gosto alemão.

A vegetação tropical parece haver exercido particular fascínio sobre as Irmãs alemãs, pois era incontável a quantidade de latas, de todos os tamanhos, com avencas, samambaias, crótons, begônias, palmeiras e o que mais se possa pensar de plantinhas encontradas nos terrenos dos colégios, por onde as irmãs andavam, nas suas obras sociais, ou trazidos por suas alunas. Havia plantas, em profusão, nos interiores: igreja, internato, externato e, presumivelmente, também na clausura; nos caramanchões, nas latadas e espaços ajardinados dos diferentes prédios. No dia-a-dia não faltavam folhagens nos vários ambientes: nos dias de festa as latas de plantas multiplicavam-se — desta vez, com o jeito mais alemão do saber fazer — envoltas em papel crepon, com bem cuidados frisos e aplicações de papel laminado.

A interação com a forma de vida dos trópicos levou as Irmãs alemãs ao encontro do mar e dos coqueiros, na então rústica, praia de Rio Doce, na periferia de Olinda. Ali construíram uma pequena casa, cercada de alpendres, igual às que se usavam para veranear naquela área, e veraneavam, elas próprias, tomando banhos-de-mar, caminhando descalças na areia ou, simplesmente, nordestinamente, descansando em redes armadas nos alpendres, sob os coqueiros. Consta que a referida casa já existia em 1918. [5]

Rio Doce era algo muito impregnado na vida da Academia. Para as Irmãs, era o vereneio; para as alunas, os vários pic-nics que marcavam as grandes ocasiões, ou o encerramento do ano letivo.

A casa da praia era mantida como clausura, privativa, portanto, das Irmãs. Embora fosse permitido às alunas o uso dos minúsculos e mal-cheirosos sanitários que, seguindo o estilo praieiro da época, havia no quintal, as Irmãs permitiam que, num estilo muito tropical, as meninas trocassem de roupa, aos grupos, atrás das moitas de avelós e das touceiras de guajirus.

Não custa lembrar também o hábito do nordestino do picolé de frutas, introduzido na sobremesa do internato, embora o lanche da tarde, durante várias décadas houvesse mantido as características do café-da-tarde, do gosto alemão.

Convém, ainda, registrar que, numa época em que era uso, nos colégios religiosos de ordens estrangeiras, tratamentos tais como *na mère* e *ma soeur* (que ao longo do tempo soavam apenas como *mamé* e *massé* . . .) na Academia não se pedia das alunas qualquer uso de expressões alemães, nem de tratamento — as religiosas eram tratadas como *Irmã* ou *Madre*, conforme o seu *status* na Congregação — nem nas orações, que eram feitas em português, ou latim.

O fenômeno aqui referido como abrasileiramento parece corresponder à descrição que faz GILBERTO FREYRE (1935/36) do processo de interação:

> Ainda mais eficiente no sentido de fortalecer a unidade social é a sub-forma da interação conhecida como acomodação, que consiste na disposição e na capacidade do socius de transformar-se para melhor adaptar-se a condições de vida em comum ou da vida social.
> . . . As atividades da interação, por acomodação, quase sempre se processam em torno do que há de mais firme ou de mais fixo e mais estadardizado ou de mais consolidado, num dado grupo".

E adiante:

> Lumley, porém, nos apresenta o caso de um regimento em marcha, no qual, sem constituirem os indivíduos, ou soldados uma consciência social absoluta, constituem, entretanto, um exemplo de *unidade social*. Pelo menos de associação de atividade, comportando-se todos como uma unidade e não como indivíduos soltos. Exemplo semelhante, embora sem o mesmo exterior – vamos dizer – dramático, são os que oferecem comunidades religiosas, civis, esportivas onde existe a unidade social de comportamento, ou, pelo menos o comportamento de cada um ajusta-se a um fim ou interesse geral, do grupo". (FREYRE, 1940:65).

O interesse geral, no caso da Academia, é algo que era muito claro nos esquemas educativos do passado: o aluno está na escola para aprender; o mestre está ali para ensinar. No caso dos internatos, onde muitas crianças passavam a maior parte de sua infância e adolescência a premissa era ainda mais explícita: o colégio existe para educar; a criança é posta no colégio para ser educada, criando um processo de interação ao longo de um *continuum* de contatos entre as duas culturas, a dos mestres e a dos alunos.

4. O TIPO DE CLIENTELA DA ACADEMIA

A Academia sempre teve uma procura muito grande, tanto para o externato, como para o internato, este aberto em 1917.

As alunas de Olinda, do mesmo modo que as do Recife, vinham de famílias de classe média e média alta, embora não representassem a chamada alta sociedade do Recife. Eram famílias em processo de ascensão sócio-cultural, para as quais educação esmerada era percebida como um legado a ser deixado para os filhos. Eram famílias que, sem dúvida, esperavam que suas filhas "fizessem um bom casamento", mas que lhes preparavam também um espaço na sociedade, maior do que aqueles a que tiveram acesso.

As alunas internas, por sua vez, representavam a tradicional família rural, mas não a de usineiros. Algumas eram filhas de fazendeiros, do agreste e do sertão e viajavam durante vários dias, usando diferentes meios de transporte, para chegar ao internato onde iam se educar. Repetindo o ritual da viagem, de ano a ano, chegavam a receber o diploma de professoras, no estabelecimento prestigiado de ensino Normal que era a Academia Santa Gertrudes.

Em ambos os casos, tratava-se predominantemente de famílias de hábitos simples, abertas à interação com o colégio e dóceis à sua influência. Criavam-se laços duradouros entre o colégio e as famílias. Essa era uma das características marcantes da interação entre as famílias e o colégio.

Não havia associação de pais, nem reuniões de pais e mestres; mas havia entre eles um entendimento que se alimentava nos encontros que ocorriam nas festas do colégio, na rua, por ocasião das procissões, ou, com muita simplicidade, na Diretoria, se se tratasse de problemas de escolaridade das externas; com a mestra do internato, se o problema fosse com alunas internas e, na portaria, com a Madre Walburgis, se se tratasse de assunto de dinheiro.

Os pais eram tratados com a cortesia que traduzia o preceito beneditino de hospitalidade; [6] além da atenção individualizada, era-lhes servido um refresco de frutas e biscoitinhos de erva-doce, feitos na clausura.

Um traço marcante do processo educacional da Academia que não pode deixar de ser registrado, era o profundo respeito à criança e aos seus pais.

Uma das formas de explicitação de tal respeito era o tratamento das questões de dinheiro, mantidas estritamente entre Madre Walburgis e os pais.

Aquela Irmã foi a discreta confidente de muitas gerações de pais de família. Sem levantar-se do velho birô de sua salinha para fazer consultas a outros escalões, ela parcelava pagamentos, fazia abatimentos e concedia bolsas e, ninguém, jamais sabia quem estudava "de graça", ou quem estudava devendo ao colégio, exceto se os pais o revelassem.

Nenhuma criança era penalizada, nem humilhada pelas dificuldades financeiras dos pais, nem mesmo por sua irresponsabilidade, se fosse o caso. Não se colocavam nos quadros de aviso quaisquer listas de alunos em débito, nem se lhes tirava o direito de comparecer às provas.

Ocorria, portanto, na Academia, um tipo de idealização de educação para meninas que respondia às expectativas de uma classe média em ascensão, com seus anseios e seus problemas peculiares.

5. A INFLUÊNCIA DA REGRA DE SÃO BENTO

A Regra de São Bento, [7] como todo instrumento normativo destinado a regular o quotidiano de comunidades e corporações, tem na obediência o seu preceito fundamental.

Em se tratando, porém, de um instrumento destinado a regular a vida de uma comunidade com a característica peculiar da busca voluntária da Perfeição cristã, a Regra de São Bento apresenta a obediência como a condição essencial da humildade, [8] esta, apresentada no próprio Evangelho como virtude maior. Por outro lado, a Regra enfatiza o compromisso pessoal, que legitima a obediência e a humildade e alegra espiritualmente a quem as pratica. [9]

A profunda imbricação do espírito da Regra na atitude das Irmãs beneditinas é o que parece explicar o senso do dever que permeava o processo educativo da Academia.

O conceito de obediência estendia-se a tudo o que era abrangido pela autoridade, nas suas várias formas de expressão: a Madre Prioresa, a Madre Diretora, a Mestra do Internato, a Mestra da Classe, as Mestras de aulas, e a Mestra do Recreio, como uma forma de hierarquia; as normas que regiam o comportamento pessoal dos indivíduos nos seus diferentes papéis sociais e as normas que regiam o comportamento coletivo, inclusive os horários, eram instâncias às quais se devia obediência.

Em conseqüência, o dever era percebido como aquilo que se espera que um indivíduo faça, ou que não faça, em cada diferente lugar, tempo ou situação, porque uma autoridade constituída o determina, porque as normas do grupo social o perceituam, porque o desempenho satisfatório de suas atribuições o requerem, ou porque um compromisso pessoal o impõe.

A tarefa levada pela aluna para fazer em casa, ou no internato, era referida como "o dever". A estrita observância dos horários estabelecidos para as diferentes atividades do colégio era também um dever. Era dever o pronto comparecimento à fila. E era um dever o uso adequado dos espaços do colégio.

O uso adequado dos espaços era algo tão profundamente respeitado que, muito embora as portas que comunicavam a clausura com o internato e o externato fossem fechadas apenas com um trinco, as alunas, na sua grande maioria, não costumavam tentar penetrar nos espaços privativos da clausura e, nem mesmo, usar estratégias para espreitá-la.

O compromisso e a disciplina pessoal expressavam-se na Academia sobretudo na ordem e na aplicação.

A ordem, enquanto disciplina pessoal, traduzia-se nos cuidados pessoais, no cuidado com o uniforme e com a aparência de um modo geral; o zelo com os livros, cadernos e com todo o material escolar, sempre completo e pronto para ser usado; a organização dos espaços pessoais; o uso adequado das instalações e objetos pertencentes ao colégio e o auto-controle necessário para não desperdiçar materiais, não danificar móveis e instalações, nem plantas e objetos de decoração; e, ainda, o profundo respeito pelo outro, pelo trabalho que o outro realizou, pelo espaço do outro e pelos direitos do outro.

O compromisso pessoal, por sua vez, traduzia-se no conceito de aplicação, um conceito corrente nos colégios beneditinos, mas que aparentemente não fazia parte do repertório conceitual de outros colégios.

O conceito de aplicação abrangia, na atitude da aluna, todos os componentes controlados pela responsabilidade pessoal, a saber: o interesse, a assiduidade, a pontualidade, a exatidão, a perfeição na execução de tarefas e no cumprimento dos deveres, a capacidade de renúncia em função do dever, a capacidade de ir além do dever, sem a constante motivação por parte de outrem.

Os conceitos de comportamento, aplicação, ordem e polidez registrados no Boletim Mensal, eram auto-evidentes para as alunas e suas famílias. Ao que tudo indica, nunca houve reuniões, nem circulares para explicá-los. Também, não ocorreria a qualquer pai, ou mãe, ir ao colégio discutí-los.

Também na condução da disciplina do colégio era clara a influência da Regra. Na Academia não eram freqüentes os castigos (ficar de pé, ficar, de algum modo, fora do convívio com os colegas por alguns minutos, escrever muitas vezes uma frase exortativa, eram os mais comuns). Tal como o recomenda São Bento, a disciplina era obtida mais por palavras, sendo o castigo reservado para os casos em que o diálogo resultasse ineficaz.

Um aspecto relevante na disciplina da Academia era o papel atribuído à responsabilidade pessoal em relação às próprias faltas. Havia sempre a oportunidade para que quem as cometeu se *acusasse* e apresentasse as devidas desculpas, numa transposição clara do papel agribuído pelo Patriarca à *satisfação*. Do mesmo modo, era desestimulada qualquer forma de delação.

Um outro ponto em que a Regra de São Bento exercia vigorosa influência no quotidiano da Academia era na formação da atitude com relação ao trabalho.

Na Regra de São Bento o trabalho representa um valor maior. Segundo o próprio Patriarca a ociosidade é inimiga da alma; e o trabalho, ao lado da oração, é condição inerente à santificação. Tanto é assim que o lema beneditino é *ora et labora.*

Na Academia o trabalho manual assumia também um valor maior, apresentando-se, em todas as situações como algo capaz de dignificar o indivíduo e nutrir a sua auto-imagem.

A noção do valor do trabalho manual estava presente desde a mais tenra idade das alunas; no Jardim da Infância, por exemplo, o material utilizado para o desenvolvimento da coordenação motora; cartões perfurados para serem "bordados" pela criança, pequenos trabalhos de tecelagem, serpentinas enroladas, etc, reapareciam na forma de caixas ou cestinhas, molduras para santinhos, ou pequenos objetos de brinquedo, com o nome da criança e representando o *seu* trabalho, pessoal, na grande exposição anual de trabalhos manuais das alunas da Academia.

Tão logo a criança dominava a agulha, para percorrer com ela uma série de orifícios, já era iniciada no germaníssimo ponto-de-cruz e, então o seu trabalho podia ser usado em paninhos e guardanapos que, sem exigir muito, davam à criança o gosto do trabalho bonito e concluído.

Em alguns casos o trabalho manual chegava a se constituir como um privilégio. Era o caso das internas mais velhas, a quem era permitido bordar e fazer tricot durante o recreio. Era o caso, também, de externas que, enquanto esperavam o transporte do colégio bordavam paninhos para as igrejas pobres, na chamada Obra dos Tabernáculos, uma associação religiosa que congregava zeladoras e associadas do Apostolado da Oração.

No dever, na ordem e no trabalho traduzia-se, no quotidiano da Academia, todo o espírito da Regra de São Bento, centrado na Obediência e na Humildade como base da Perfeição e da Santidade.

Além dos aspectos mencionados, a Regra exercia vigorosa influência no estilo de espiritualidade que se cultivava na Academia. Tal espiritualidade era fundada no Amor e centrada nas figuras de Cristo e Maria Santíssima.

As relações do ser humano com Deus eram colocadas diante das alunas como uma constante busca da Perfeição e não na forma angustiante da busca da Salvação. Era o Amor ao Deus Pai e, não o medo de um Deus punitivo e vingativo.

Do mesmo modo que a Regra de São Bento não aponta para a Santidade heróica, nem para as violentas mortificações tão freqüentes nos antigos manuais de teologia ascética e mística, mas sim para a santificação e a perfeição do quotidiano, assim, também era direcionada a espiritualidade das alunas. Apanhar um pedacinho de papel deixado no chão por alguém e colocá-lo no lixo, era um típico ato de humildade; ajudar voluntariamente a mestra, era um ato de amor; rezar pelos missionários ou "ficar-de-bem" com uma colega, eram atos de caridade. Mortificações e penitências, por sua vez, eram representados pela disciplina pessoal no quotidiano: não pedir para ir beber água, ao primeiro sinal de sede; não se permitir ficar olhando pelas janelas, nas horas de aula, ou de estudo, não comer imediatamente o chocolate que se recebia; fazer a letra bonita, mesmo estando com preguiça e assim por diante.

O valor da oração era muito enfatizado, mas não se encorajava a prática das, assim chamadas, "devoções". Era obrigatório, para as internas o comparecimento à Missa diária, mas não era obrigatória, nem mesmo estimulada a freqüência às orações comunitárias que as Irmãs realizam no coro, nas horas canônicas. Quando, porém, ocorria que alguma aluna quisesse fazê-lo, recebia o manual apropriado e a devida orientação para acompanhar o ritual litúrgico.

Para concluir, convém lembrar que o quotidiano da Academia mudou, como mudaram os outros grandes colégios, como mudou a sociedade.

Embora não seja um dos objetivos deste artigo analisar as mudanças que modelaram a nova face da Academia, convém lembrar que elas são de origem exógena e endógena.

Entre as de ordem exógena estão as que afetaram o *colégio*, enquanto estabelecimento de ensino: as reformas do ensino, a redução das atribuições da escola no processo educacional, a proliferação de estabelecimento de ensino médio, tanto na capital, como no interior, as opções da congregação em relação ao posicionamento do colégio perante a crescente concorrência entre os estabelecimentos educacionais em termos de oferta de ensino, a instalação da coeducação, e, com grande peso, o acelerado processo de urbanização da cidade de Olinda, mudando o tipo de clientela do colégio.

Entre as mudanças de ordem endógena: a redução no número de Irmãs chegando da Alemanha e a redução na proporção entre alemãs e brasileiras; a dispersão das Irmãs mais bem qualificadas intelectualmente, para dirigirem novos estabelecimentos beneditinos fundados na região; os reflexos, na comunidade das Irmãs, das grandes mudanças ocorridas no âmbito da Igreja Católica, e, finalmente, a substituição do corpo docente anteriormente formado pelas Irmãs, por professores de fora.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1 As Irmãs beneditinas da Academia, da Congregação das Beneditinas Missionárias de Tutzing, Baviera, Alemanha, chegaram a Olinda, Pernambuco no dia 21 de junho de 1903, diretamente da Alemanha, atendendo a convite do então Abade do Mosteiro de São Bento de Olinda, Dom Gerardo Van Caloen.

2 A Academia Santa Gertrudes iniciou suas atividades no ano de 1912, com um curso primário para meninas e um Jardim da Infância. Nos 8 anos decorridos entre a chegada das primeiras Irmãs e a fundação da Academia, ocuparam-se elas de tarefas que lhes assegurassem a sobrevivência e iniciaram os trabalhos de catequese e manutenção do Instituto São José, orfanato anteriormente mantido pelos beneditinos de Olinda.

3 O Hino da Academia é, ele próprio, uma exaltação ao saber: "À sombra Sacratíssima da Cruz/que brilha e fulge em nosso firmamento/do saber procurando a vera Luz/Palmilhamos a senda que conduz/às mais altas regiões do entendimento/. Sem Deus não pode haver nem luz, nem vida/ toda ciência

é falaz, nula e malsã/. Porisso vimos procurar guarida/na pugna mais nobre/ mais nobre e mais renhida/sob o palium da luz da Fé Cristã/. Se a Ciência, sem Deus, é vã quimera/os corações para o alto levantemos/e precursoras de uma nova era/façamos que uma eterna primavera reine sobre o país em que nascemos/. Primavera de luz e de verdade/Sem da mentira ter o engano vil/Mensageiros celestes da Bondade, daquele que possui a Majestade sobre as almas dos filhos do Brasil.

4 Consideradas: a idade usual de ingresso na Congregação e o tempo médio de duração de cada etapa da vida religiosa beneditina é possível estimar uma média etária abaixo dos vinte e cinco anos para as Irmãs que aqui chegaram antes da Profissão Perpétua.

5 Conta a Irmã Maria de Lourdes Diniz no livro *Facho: Patrimônio cultural de Olinda; Olinda: Patrimônio cultural da humanidade;* "O ano de 1918 teve para elas um significado especial, pois se dedicaram à construção da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, com pedras trazidas de Rio Doce por elas mesmas, num estafante ir e vir a pé (p. 72).

6 A hospitalidade é preceituada por São Bento no capítulo 53 da Regra: "Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo. . ."

7 "A Regra de São Bento é um código de vida monástica que, composta há mais de 14 séculos foi e continua a ser a alma dos Mosteiros que presidiram o nascimento da cristandade medieval". Assim a Regra de São Bento é definida na tradução da Edição Steidle (1978) sobre texto latino.

8 "O primeiro grau da humildade é a obediência sem demora" . . . (CAP. 5 da Regra de São Bento) "consiste em que, pondo sempre o monge diante dos olhos o temor de Deus, evite absolutamente qualquer esquecimento e esteja, ao contrário, sempre lembrado de tudo o que Deus ordenou". (CAP. 7 da Regra de São Bento) "O segundo grau de humildade consiste em que não amando a própria vontade, não se deleite o monge em realizar os seus desejos". (CAP. 6 da Regra de São Bento) . . . "apodera-se deles o desejo de caminhar para a vida eterna. . . (CAP. 5 da Regra de São Bento).
"E se tendo deliberado consigo mesmo prometer guardar todas as coisas e observar tudo quanto lhe for ordenado, seja então recebido na comunidade". (CAP. 58 da Regra de São Bento).

9 . . . "e assim, não tendo como norma de vida a própria vontade, nem obedecendo aos próprios desejos e prazeres, mas caminhando sob o juízo e domínio de outro e vivendo em comunidade, desejam que um Abade lhes presida". (CAP. 5 da Regra de São Bento).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Zaida Maria Costa. *DEC: A biografia de uma instituição cinqüentenária.* Recife, Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Departamento de Cultura, 1986, pp. 202 e 224.

FREYRE, Gilberto. *Curso de Sociologia.* Universidade do Distrito Federal – 1935/36. 1940, p. 65 datilografado.

Nós e a Europa Germânica: em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX. Rio de Janeiro, Grifo Edições/Instituto Nacional do Livro, 1971, p. 75.

HUBERT, René. *História da Pedagogia;* Tradução e notas de Luís Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. Segunda edição refundida. São Paulo, Editora Nacional, 1964, pp. 266-267

MEDEIROS, J. A., DINIZ, M. L. F. e COELHO, G. *Facho: Patrimônio Cultural de Olinda. OLINDA: Patrimônio Cultural da Humanidade.* Olinda, Faculdadade de Ciências Humanas de Olinda, 1983 pp. 69 e 71.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *Educação no Brasil (Esboço de estudo histórico).* Recife, Imprensa Universitária, 1966, p. 65.

REGRA de São Bento. Texto latino da edição alemã de D. Basilius Steidle OBS. Tradução e notas de D. João Evangelista Enout OBS. 2ª edição revista. Rio de Janeiro, Ed. Lumen Christi, 1980. pp. 17, 35, 36, 39, 83, 103, 109 e 119.